

SAMUEL DE SOUSA



# POESIA, 1972

cadernos

8

lavra & oficina

Estes são poemas de uma força contida,  
prestes a explodir.

Poemas de um tempo (1972) de boca  
cerrada. Não só para a eficácia da luta,  
clandestina urbana ou de guerrilha da  
mata. Em poesia também, boca cerrada.  
Para que as imagens, os vocábulos se  
encham dessa terrível energia do tempo  
da violência: a legítima violência dos  
signos e símbolos da nossa cultura  
rasgando o tecido apodrecido de uma  
linguagem prostituída pelo uso colonial-  
fascista.

LUCIO LARA

SAMUEL DE SOUSA

POESIA, 1972

*Lara*  

---

*1979*

CADERNOS

8

LAVRA & OFICINA

A

Luandino Vieira, António Cardoso, Arnaldo Santos e António Jacinto

Um dia  
de novo  
surgiu a vida  
pela primeira vez  
na terra de Jacinto  
nos olhos das crianças das ruas

Quando então  
os soldados nos fizeram  
jurar de não voltar  
para lá  
para sempre

Quando então  
nos obrigaram a abandonar  
o país  
das crianças das ruas

Um dia  
de novo  
surgiu a vida  
pela primeira vez  
na terra de Jacinto

ARQUIVO L. LARA

Os garotos  
no areal  
acácias rubras  
palavras silenciosas  
ninguém entende  
os cristais de cacimbo  
nos olhos das nascentes dos rios

ninguém entende  
os esqueletos nas fronteiras  
juncando os caminhos  
descalços  
percorrendo as ruas das sanzalas

ninguém entende  
nas corolas das sombras  
a cópula  
dos ventres da mahamba

garotos  
acácias rubras  
palavras

e nas corolas  
corpos púberes  
mahamba

Na memória do sol  
olhos  
olhos  
comitivas de bantos  
cais  
barcos  
bantos ao sol  
cais ao sol

na memória do sol  
olhos  
nas pontas das árvores  
olhos  
bantos  
olhos  
sol  
no diálogo com o vento

bantos  
olhos  
sol  
vento

e mais adiante  
galope da cavalgada  
batucada  
cavando o campo  
moendo açúcar  
bebendo aguardente

bantos  
sol  
vento  
algoadoais  
açúcar  
aguardente

III

O anúncio foi lançado  
nos caminhos brancos de cacimbo  
flutuam corpos de dançarinos

borboletas embandeiradas de arco-íris  
abelhas erguendo a sua lança  
rumo à lua  
vestidas de sol

pés nús  
das abelhas no fofó dos algodoais das nuvens  
lanças ensanguentadas  
erguidas rumo à lua  
abelhas mordendo a palavra nua

só as gazelas  
na relva do campo  
enchem a manhã  
com os seus sexos

## IV

1.

Vamos fabricar poemas  
com os diamantes  
da nossa lavra

vamos tapetar os caminhos das nossas ruas  
com os nossos diamantes  
fabricados com poemas

mesmo com os punhos decepados  
com os sexos decepados

2.

três tiros  
e o sabor da pólvora  
e o sabor das vísceras dos crocodilos  
e o sabor dos partos prematuros  
e o sabor dos orgasmos Incompletos

3.

Com os corpos baleados  
e frente às balas  
plasmar a nova dimensão  
dos nossos diamantes.

v

Agora que o brinquedo se desfez  
em destroços  
esmagados pelo vento nas folhagens  
sinto nos teus lábios  
a fonte seca  
e a gargalhada das kitumbas.

VI

No suor da terra  
o apelo do teu rosto  
na paisagem longínqua

o apelo  
o nosso apelo  
fecundando os sexos  
sequiosos  
das árvores sem vísceras  
cheias de sol

## VII

Luanda à noite  
estrelas arranhando a pele  
com a luz líquida das muralhas  
estrelas fendendo a pele  
com o açúcar dos amores

risos de diamantes nas sombras  
de mulheres apavoradas  
com os sexos nas mãos

Luanda à noite  
espreitam pirâmides  
luas  
relógios  
sacodem o manto  
anunciando o amor

Corpos rolam no verde  
dos campos

e na sanzala  
os galos cantam  
a madrugada

E ela chegou  
vestida  
com o rubro da lukula  
com o seu sorriso  
sol  
sol  
sol

e com os braços de sol  
e com os olhos de sol  
e com a alma de sol  
entregou o filho à Lemba

mulemba em sol  
a terra em sol  
nos cristais de cacimbo  
sol  
sol  
sol

No areal  
o rosto de diamantes  
esculpido da kituta

corpo truncado  
chamas das queimadas

nos olhos as nuvens  
marcas de tatuagens  
vibrantes  
convulsivas  
florindo nas acácias rubras  
dissolvidas

ruínas  
e sobre as ruínas  
as cicatrizes das baionetas  
nos dedos da madrugada

XI

O sol tremendamente africano  
risca caminhos de sangue sobre a sanzala

na minha sanzala o sol tremendamente africano  
enche as cabaças com o silêncio dos imbondeiros

e semelhante ao sol o tapete verde enche os peitos  
nas liturgias da puberdade com os sexos cheios de  
[futuro

na minha sanzala o sol arde  
enche os sexos  
com apelos de amor

Duque de Bragança  
noite de jingas  
nas asas das libélulas  
desfeitas na água

os crocodilos  
rindo dos peixes  
os peixes rindo-se das pedras  
as pedras rindo-se das árvores  
as árvores oferecendo a sua sombra  
na noite  
desfeita na água  
asas de libélulas  
o som das marimbas  
anunciando o dia

XIII

No Xauane  
Madalena corpo de terra negra  
raízes  
dos caminhos do Zenza

Mulheres do Xauane  
suando  
com os filhos ao colo

No Xauane  
Madalena  
virgens de olhos doces  
seios e  
coxas  
sol  
Madalena  
no Xauane

esperando por mim  
na noite de pecado

XIV

Noite de espantos  
nos estilhaços de luz

na mulemba  
tentáculos de amor  
nos nossos corpos  
abertos

na mulemba  
dedos de luz nos sons de marimba  
a voz de uanga  
anunciando a hora

O homem do dongo cortando o mar  
com a mensagem sagrada dos antepassados

caminhos de vento  
no mar

a mensagem desflorada pelo sol rubro  
ventre repleto enchendo de desejos  
os peixes amarelos

1185

(R)

**POESIA, 1972**

**autor**

Samuel de Sousa

**coleção**

Cadernos Lavinha & Oficina

**capa**

U. E. A.

**composição e impressão**

Lito-Tipo, Lda.

**edição**

1.ª/Dezembro, 1978

**tiragem**

10 000 exemplares

**editora**

União dos Escritores Angolanos

Caixa Postal 2767 - Luanda

República Popular de Angola

**cadernos lavra & oficina**

1 — 11 POEMAS EM NOVEMBRO

Manuel Rui  
poesia

2 — O CADERNO DOS HERÓIS

Costa Andrade  
poesia

3 — A CORDA

Papetela  
teatro

4 — 11 POEMAS EM NOVEMBRO (ano dois)

Manuel Rui  
poesia

5 — SOBRE A LITERATURA

Agostinho Neto  
ensaio

6 — POESIA

Saydi Mingas  
poesia

7 — PIÓ

Rui Bueti  
poesia

8 — POESIA, 1972

Samuel de Sousa  
poesia



UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS

01185